AUTORES:

Alfredo Faria Júnior ¹Adroaldo Gaya ¹

¹ Universidade Salgado de Oliveira
– UNIVERSO, Niterói, Brasil

² Escola de Educação Física,
Fisioterapia e Dança, Universidade
Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

<https://doi.org/10.5628/rpcd.16.S1.75>

Entendo o seu atual anticonformismo presente nas suas últimas obras, não como conotação de que tudo está errado, que devemos sempre recomeçar do zero, mas sim, como a expressão de um intelectual crítico, que desempenha seu papel com responsabilidade e propostas através da análise cuidadosa, fundamentada, elaborada e consistente, observando o mundo social e a si próprio nessa ação.

Estou a cada dia mais convencido de que aprendemos mais pelos exemplos do que pelas palavras. Exemplos permanecem e perenizam-se. Encontro em Jorge Bento exemplos dos mais diversos, de dedicação e amor à Universidade, dotado de uma vocação para ser a consciência de muitos que, como ele, sonham e agem para a construção de uma Universidade transformadora da sociedade, inovadora em benefício do homem e para o homem, visão de excelência balizada pela missão humanista, iluminista e social, Universidade plural, de ensino, formação, investigação e extensão à sociedade, sendo esses papéis institucionais indissociáveis e articulados entre si, sem hierarquias, e como bem o diz, "*sem o reformismo falacioso*".

Se tudo se encontra em estado de mudança, cabe ressaltar o já dito na obra "Corrida contra o tempo" (P.71):

"as instituições, tal como as pessoas, não podem nem devem ser sempre iguais. Por não estarem nunca conclusas carecem de mudar e de se transformar, de evoluir e melhorar. São transformadoras na medida que se transformam". Quero ainda recordar um de seus ensinamentos pelo atual momento vivido, com esperança na renovação do animo pela permanência na luta: "vencedores são os que não se conformam ao determinismo e não fogem ao dever de participar na feitura do mundo" (CORRIDA CONTRA O TEMPO: POSIÇÕES E INTERVENÇÕES, P.71).

Por fim, peço licença ao amigo Jorge Bento para tornar pública uma mensagem a mim enviada (possivelmente aos muitos amigos também) sobre o seu nome. *Jorge* significa "*o que trabalha a terra*" ou "*agricultor*", e vem do nome grego Georgios, formado pelas palavras "*ge*", que significa a 'terra', e '*erghon*', que quer dizer trabalho. E como ele bem escreve,

... Jorge significa por origem e destino o que "lavra os textos" e "trabalha as palavras" com a charrua do coração e da alma, cuidando de semear no papel o calor do Sol e a clarividência da Lua, procurando ser fiel ao compromisso com a transcendência da ética e da estética. (MENSAGEM ENVIADA POR EMAIL EM 18.FEVEREIRO.2014)

Meu caríssimo mestre, grato pelos ensinamentos e pela convivência. Grato por ser um homem de paixão, construtor do mundo em busca permanente da utopia. Grato pela coragem, pelo orgulho, pela paixão de ser professor. Grato por participar da feitura do mundo.

E assim! Tudo começou... Ao lado de Alfredo Faria Junior

Alfredo Faria Junior exercia as funções de Coordenador do Mestrado em Educação, da Universidade Federal Fluminense (UFF). Foi procurado pela Ângela, Secretária do curso. Ela desejava ir a Europa para uma reunião da Organização Internacional do Trabalho (OIT), representando nossa Universidade. Alfredo concordou com o pleito autorizando-a ir à Europa.

Quando Ângela regressou fez um relato que se revelou muito interessante. Após a Reunião, decidiu ir de trem à cidade do Porto, Portugal. No vagão em que estava quis fechar a janela, mas não conseguiu. Então, um cavalheiro – professor Jorge Olímpio Bento – muito gentil prontificou-se a fecha-la. A seguir entabularam conversa quando ele lhe revelou que era professor de Didática de Educação Física, no Porto. Ela, então, disse que era Secretária de Curso de Mestrado em Educação, coordenado também por um professor de Educação Física: Alfredo Faria Junior.

Qual foi a surpresa dela quando Jorge Bento disse que conhecia o seu Coordenador de nome, através do livro Introdução a Didática de Educação Física. Depois disso trocaram endereços e Jorge Bento demonstrou o desejo de conhecer o professor Alfredo pessoalmente.

Em 1985, Alfredo Faria Junior foi ao Porto em busca de contato com Jorge Bento. Hospedou-se no Hotel Peninsular, na Rua Sá Bandeira, 21, no Centro, onde familiares seus haviam estado quando viajaram para Portugal.

Após ter telefonado de véspera para marcar um apontamento Alfredo dirigiu-se a Praça da Liberdade, onde haviam marcado o encontro, sob a estátua equestre de D. Pedro IV (D. Pedro I, do Brasil). Conversaram sobre várias assuntos ligados ao nosso campo de comum interesse – a Didática de Educação Física. Após isto Bento levou Alfredo para conhecer o Instituto Superior de Educação Física da Universidade do Porto, começando pela biblioteca e depois indo ver os precários ‘galpões’ onde trabalhavam os demais professores à época. Comentaram sobre os Congressos Luso-Brasileiros e sobre a existência de suficiente massa crítica de pesquisadores e teóricos da educação física, no espaço da língua portuguesa, o que justificaria por si só a realização de um Congresso específico. O Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa

Do encontro nasceu a empatia recíproca e, desde então, vimos construindo uma relação de amizade, confiança e admiração, que nunca cessou de tornar-se, a cada tempo, mais fraterna. Este encontro, devemos salientar, constituiu-se na semente que germinou, cresceu, floriu e deu os frutos que se espalham pelas comunidades lusófonas, a comunidade das ciências do desporto e da educação física dos países de língua portuguesa.

A visita da professora Maria Paula Brandão Botelho Gomes, da Universidade do Porto, ao Instituto de Educação Física e Desportos (IEFD), da UERJ e seu contato com a professora Maria José de Oliveira, diretora desse Instituto, foi um sinal de que havia maturidade e confiança para realizarmos nosso primeiro Congresso. Daí Alfredo Faria Junior e Roberto Ferreira dos Santos pela UERJ; Jorge Bento e António Marques pela Universidade do Porto, decidiram realizar, no Rio de Janeiro, um Congresso, comemorativo dos 15 anos do IEFD da UERJ. Foi o I Congresso de Educação Física dos Países de Língua Portuguesa.

Em 22 de agosto de 1989, teve lugar na UERJ, a cerimônia de abertura do I Congresso que teve como objetivos: encurtar as distâncias e juntar pessoas e instituições que tinham como central o estudo da Educação Física; com uma disposição de desenvolver cooperação que superasse meras declarações de intenções e que consolidasse a existência de uma comunidade científica, no espaço da língua Portuguesa.

Observe-se que, a partir desses encontros no I Congresso, Jorge Bento e Alfredo Faria Junior deram início a uma relação profícua entre pesquisadores brasileiros e portugueses. Professores, inicialmente da USP, UFRGS, UNICAMP e UERJ enviaram e receberam professores para ministrarem cursos, para participarem de bancas, para realizarem cursos de doutoramento e desenvolverem pesquisas em conjunto.

A impressão das Atas do I Congresso se tornaram veículo de divulgação das preocupações dos professores das principais Universidades do país. Jorge Bento, neste Congresso, defendeu duas teses a respeito do ensino e sobre avaliação, tornando-se um autor reconhecido em todo o Brasil.

O II Congresso foi na cidade do Porto. Foi, na época, a maior reunião da comunidade científica dos países de língua portuguesa. Com magnífica organização, hospitalidade e qualidade dos trabalhos e evidenciou que o Movimento já se tornara sólido e irreversível. Jorge Bento, sem dúvidas, foi um baluarte e, em grande parte devemos a ele o êxito da realização deste II Congresso que reuniu quase 600 participantes e, cuja impressão das Actas, que reuniram em dois volumes quase 120 comunicações, constituíram – se num documento de referência para as ciências do desporto nos países de língua portuguesa.

A evolução do pensamento de Jorge Bento se evidencia ao longo do tempo em seus livros e mais recentemente em suas postagens em redes sociais. No início Jorge Bento se dedicava aos aspectos didáticos como se lê no seu excelente livro “Planeamento e avaliação em educação em educação física” (1987) onde aborda as questões do planeamento (com ênfase no da aula) e análise e avaliação do ensino. “Desporto *matéria* de ensino”, também publicado em 1987 avança na discussão do papel didático do desporto, como componente da Educação Física. A seguir suas publicações “O Desporto na Escola e o Desporto no Clube” (1991), “O Desporto no Século XXI” (1991), “O outro lado do desporto” (1995), “Um olhar do Norte” (1997), “Desporto e Humanismo” (1998), “Desporto. Discurso e Substância” (2004; 2013) demonstra a evolução do pensamento de Jorge Bento. Mas, fiquemos por aqui, esses exemplos já são suficientes, mas em seu currículo estão registrados vinte e quatro livros publicados em Portugal e catorze livros publicados no exterior. Seu mais recente livro, Diário de Bordo, reunião de verbetes e textos publicados inicialmente no Facebook entre 2013 e 2015, talvez nos dê a clara noção da complexidade desse pedagogo do pensamento politicamente engajado e das paixões explícitas.

Jorge Bento é um apaixonado e profundo conhecedor da língua portuguesa. Tomando as palavras de Vitor Serpa

“(…) a expressão viva da palavra, a generosidade do verbo, a intencionalidade da forma, tudo se conjugava para que a razão de que dizia, em si mesma, não bastasse e fosse insuficiente perante aquela evidência tão clara do que dizia e de como dizia” (SERPA, 1997, p. 15).

Jorge Bento sempre fez questão de destacar que era *professor* e que tinha muito orgulho disto, e testemunhou esse sentimento numa publicação editada pela Fundação Casa da Educação Física de Minas Gerais em 2008: “*Da Coragem, do Orgulho e da Paixão de ser professor – Auto-retrato*”.

Assim acredita-se um idealista e, como professor, tem a obrigação de ensinar, mas revela que aprende com todos. Diz exercitar a tolerância com alguns e ser exigente e severo com quem mais ele gosta. Ele ama a profissão e que encontra nela não apenas o ganha pão, mas substantiva razão de ser. Considera o seu trabalho com um espaço de realização pessoal. Esta reflexões fazem de Jorge Bento alguém que tem a seu lado aqueles que não tem nomes nos livros, mas que deram lições de sabedoria da vida e exemplos de comportamentos e caráter que os seus alunos jamais se esquecerão.

AUTOR:

José Manuel Constantino ¹¹ Presidente do Comité Olímpico de Portugal<https://doi.org/10.5628/rpcd.16.S1.79>

Foi Jorge Bento que tomou a iniciativa de indicar o nome de Alfredo Faria Junior para receber a outorga do título de Doutor Honoris Causa. Título de Doutor Honoris Causa que Jorge Bento, ele próprio, angariou pela Universidade Federal do Amazonas (2007) e pela Kasetsart University, de Bangkok, na Tailândia (2012).

Jorge Bento nasceu em Bragada, uma pequena aldeia em Trás-os-Montes.

Aqui, o vento assobia e canta, o sol queima e a lua arde, inspirando a ter, lavrar, colher e exceder atitudes e posições crestadas e desassombrada (BENTO, NO FACEBOOK EM 08/08/2015.)

Quem conhece Bragada, quem teve o privilégio de beber o vinho novo no dia de São Martinho e saborear castanhas assadas na lareira de Pedra, numa aconchegante casa típica da região, reconhece a cepa, o tronco da videira, as vinhas e as uvas que amassadas pelos pés de gente simples, de imensa generosidade e imenso valor humano, sustentam a história de vida do Professor Jorge Olímpio Bento. Um Vinho do Porto Tinto de 1946, de região demarcada. Um vintage. E sabem todos aqueles que cultivam a história do Vinho do Porto que em 1946 deu-se uma safra especial de vintages.

Em Jorge Bento há muita força e resistência. Talvez mais do que flexibilidade. São suas características. Como uma árvore cujo caule foi replantada na cidade do Porto onde floruiu e frutificou. Sementes se espalharam, principalmente pelo mundo lusófono e são cultivadas no Brasil (de norte a sul), África e Ásia.

Este livro, que temos a honra de participar em companhia de amigos queridos e personalidades relevantes na vida de Jorge Bento, detém em sua essência um paradoxo. É um livro de despedidas. Dia 25 de abril de 2016 Jorge Bento completou 70 anos. Ironicamente para quem, como ele, sempre desconfiou da rigidez dos critérios quantitativos todavia, teve que subjugar-se a lei que determina que aos 70 anos, independentemente de nossas qualidades, não mais servimos a Universidade. Assim, condena-se à sombra quem nasceu para brilhar. No auge de sua maturidade intelectual, no auge de sua produção pedagógica, filosófica, literária e militância política. Julgado culpado por completar 70 anos, tiram-lhe o direito de exercer sua cátedra de eminente pedagogo. Mas, temos a certeza que Jorge Bento não vai embora. Será sempre uma referencia presente. Sua história é marca indelével à vida da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Ainda vamos ler seus livros, ouvir sua voz bradando com energia sua paixão de ser professor. Ainda, muitas vezes, vamos celebrar em encontros fraternos sua paixão pela língua portuguesa, pelos livros, pelos amigos, pela família, pelo FC do Porto, pela vida...

Seguiremos juntos nossa missão de professor. Subiremos muitas vezes ao Alto D'Ouro, voltaremos à estação do Tua para brindar com seus excelentes vinhos e carnes de caça nossos sonhos e nossas realizações, com a alma em devaneio mirando as curvas do rio e sonhando com um mundo melhor.

Muito obrigado por tanta generosidade querido professor.

Nem sempre é fácil escrever sobre aqueles que conhecemos. Sobretudo quando nos ligam laços de amizade e cumplicidade construídos ao longo de muitos anos, por vezes em situações adversas.

Eu e o Jorge Bento fomos companheiros de muitas jornadas. De muitos combates. Uns que vencemos, outros em que saímos derrotados. Tínhamos algumas coisas em comum: origens humildes; pais que não tendo estudado e vivendo com dificuldades tudo faziam para dar um futuro diferente aos filhos. Vínhamos de baixo. Estudámos sempre a contar os trocos. Com eles saciávamos o amor aos livros. E procurávamos na nossa formação uma ascensão social que contrariasse as nossas origens. Carregávamos um sentido de justiça onde o mérito fosse premiado. Mas não eramos insensíveis ao tempo que vivíamos. Um tempo de mordida e de limites às liberdades. E, por isso, acompanhava-nos um sentimento de revolta que nos empurrava para uma afirmação cívica combativa num país mergulhado numa ditadura. Recordo com saudade esses tempos, feitos de muita ingenuidade e voluntarismo, mas também de utopias e causas que nos ajudaram a crescer.

O 25 de Abril e com ele a liberdade abriu-nos novos horizontes. A vida separou-nos fisicamente, que não emocionalmente. E fui testemunha de um percurso do Jorge Bento que o tornou um dos mais brilhantes da nossa geração. E, agora que pela lei da vida nos vai aproximando inexoravelmente do final da nossa caminhada, recordo com emoção um companheiro de luta e um amigo sempre presente. Um amigo que nunca me abandonou, sobretudo nas curvas mais difíceis que a vida tem.